

VALERIA LUISELLI

Arquivo das crianças perdidas

TRADUÇÃO
Renato Marques

ALFAGUARA


Copyright © 2019 by Valeria Luiselli

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Lost Children Archive

Capa

Celso Longo

Foto de capa

Acima: EUA, Arizona, Monument Valley, 1982;
Abaixo: Cortesia da autora

Preparação

Fernanda Villa Nova

Revisão

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Luiselli, Valeria

Arquivo das crianças perdidas / Valeria Luiselli ;
tradução Renato Marques. – 1ª ed. – Rio de Janeiro :
Alfaguara, 2019.

Título original: Lost Children Archive.

ISBN: 978-85-5652-083-8

1. Crianças imigrantes – Estados Unidos – Condições sociais – Ficção 2. Emigração e imigração – Política governamental 3. Família – Ficção 4. Ficção mexicana 1. Título.

19-25158

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura mexicana 863

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

Para Maia e Dylan, que me mostraram de novo a infância.

Sumário

PARTE I: PAISAGEM SONORA FAMILIAR

Realocações	11
CAIXA I	44
Rotas & raízes	46
CAIXA II	83
Sem documentos	85
CAIXA III	125
Desaparecidos	127
CAIXA IV	166
Remoções	169

PARTE II: REENCENAÇÃO

Deportações	211
Mapas & caixas	237
CAIXA V	267
Divisória Continental	285
Perdidos	309

PARTE III: APACHERIA

Vales de poeira	329
Coração de luz	335
Cânion do Eco	351

PARTE IV: ARQUIVO DAS CRIANÇAS PERDIDAS

CAIXA VI	379
Documentando	383
CAIXA VII	390
<i>Agradecimentos</i>	415
<i>Obras citadas (Notas sobre fontes)</i>	417
<i>Créditos das imagens</i>	423

PARTE I

Paisagem sonora familiar

Realoações

*Um arquivo pressupõe um arquivista, uma
mão que compila e classifica.*

ARLETTE FARGE

Partir é morrer um pouco.

Chegar é nunca chegar.

ORAÇÃO DO MIGRANTE

PARTIDA

Bocas abertas para o sol, eles dormem. Menino e menina, testas peroladas de suor, bochechas vermelhas e raiadas de branco com saliva seca. Ocupam todo o espaço na parte de trás do carro, espalhados, como oferendas de braços e pernas, pesados e plácidos. Do banco do copiloto, olho de relance para verificar se estão bem, depois me viro e analiso o mapa. Avançamos na lava lenta do tráfego rumo aos limites da cidade, atravessamos a ponte GW e nos fundimos na rodovia interestadual. Acima de nós, um avião passa e deixa uma cicatriz longa e reta no palato do céu sem nuvens. Ao volante, meu marido ajeita o chapéu e seca a testa com as costas da mão.

LÉXICO FAMILIAR

Não sei o que meu marido e eu diremos a cada um de nossos filhos um dia. Não tenho certeza de quais partes da nossa história talvez possamos escolher extirpar e editar para contar a eles, e quais iremos embaralhar e inserir de volta para produzir uma versão final — ainda que extirpar, embaralhar e editar sons provavelmente seja a melhor síntese do que meu marido e eu fazemos para ganhar a vida. Mas as crianças vão perguntar, porque perguntar é o que crianças fazem. E precisaremos contar a elas um começo, um meio e um fim. Precisaremos dar a nossos filhos uma resposta, contar uma história adequada.

O menino fez dez anos ontem, apenas um dia antes de deixarmos Nova York. Demos bons presentes a ele. Que tinha dito especificamente:

Nada de brinquedos.

A menina tem cinco, e há algumas semanas vem perguntando, com insistência:

Quando eu vou fazer seis anos?

Não importa qual seja a nossa resposta, ela a acha insatisfatória.

Então costumamos dizer algo ambíguo, como:

Em breve.

Em poucos meses.

Antes que você perceba.

A menina é minha filha e o menino é filho do meu marido. Eu sou a mãe biológica de uma, a madrasta do outro, e de modo geral uma mãe para ambos. Meu marido é pai biológico e padrasto de um e de outra, respectivamente, mas também apenas um pai. A menina e o menino são, portanto: meia-irmã, filho, enteada, filha, meio-irmão, irmã, enteado, irmão. E porque hifenizações e nuances triviais complicam as frases da gramática cotidiana — o nós, o eles, o nosso, o seu —, assim que começamos a viver juntos, quando o menino tinha quase seis anos e a menina ainda era uma criancinha, adotamos o muito mais simples pronome possessivo *nossos* para nos referir aos dois. Tornaram-se: *nossos* filhos. E, às vezes: o menino, a menina. Rapidamente os dois aprenderam as regras de nossa gramática particular e adotaram os nomes genéricos Mamã e Papá, ou de vez em quando simplesmente Má e Pá. E até agora, pelo menos, nosso léxico familiar definia o escopo e os limites do nosso mundo compartilhado.

TRAMA FAMILIAR

Meu marido e eu nos conhecemos quatro anos atrás, gravando uma paisagem sonora da cidade de Nova York. Fazíamos parte de uma grande equipe a serviço do Centro para Ciência e Progresso Urbano da Universidade de Nova York. A paisagem sonora pretendia fornecer amostras e coletar todas as tônicas e marcas sonoras emblemáticas da cidade: o guinchar dos vagões do metrô parando de repente, música nos longos corredores subterrâneos da rua 42, pastores pregando no Harlem, sinos, rumores e murmúrios no interior da Bolsa de Valores

de Wall Street. Mas também tentava pesquisar e classificar todos os outros sons que a cidade produzia e que normalmente passavam, como ruídos, despercebidos: caixas registradoras abrindo e fechando em delicatessens, uma peça sendo ensaiada em um teatro vazio da Broadway, correntes submersas no Hudson, gansos-do-canadá aglomerando-se e cagando sobre Van Cortlandt Park, balanços oscilando nos parquinhos de Astoria, idosas coreanas lixando unhas abastadas no Upper West Side, um incêndio atravessando um antigo prédio de apartamentos no Bronx, um transeunte vociferando para outro uma enxurrada de filho da puta. Havia jornalistas, sonoplastas, geógrafos, urbanistas, escritores, historiadores, acustemologistas, antropólogos, músicos e até especialistas em batimetria, com aqueles complicados dispositivos chamados de sondas multibeam, que eram mergulhadas nos espaços aquáticos em volta da cidade, medindo a profundidade e os contornos dos leitos dos rios, e sabe-se lá o que mais. Todos, em pares ou pequenos grupos, pesquisavam e extraíam amostras de comprimentos de onda pela cidade, como se estivéssemos documentando os derradeiros sons de uma enorme besta.

Nós dois formamos um par e recebemos a incumbência de registrar todas as línguas faladas na cidade ao longo de quatro anos. A descrição de nossas tarefas especificava: “pesquisar a metrópole mais diversificada do planeta em aspectos linguísticos e mapear a totalidade das línguas que seus adultos e crianças falam”. Éramos bons nisso, ficou claro; talvez até bons demais. Formávamos uma perfeita equipe de dois. Em seguida, depois de trabalharmos juntos por apenas alguns meses, nos apaixonamos — completamente, irracionalmente, previsivelmente e imprudentemente, como se uma rocha pudesse se apaixonar por um pássaro, sem saber quem era a rocha e quem era o pássaro —, e quando o verão chegou, decidimos morar juntos.

A menina não se lembra de nada desse período, é claro. O menino diz que se lembra de que eu estava sempre usando um velho cardigã azul que tinha perdido alguns botões e ia até meus joelhos, e que às vezes, quando andávamos de metrô ou ônibus — sempre com o ar gelado jorrando — eu o tirava e usava como cobertor para cobrir a ele e à menina, e que tinha cheiro de tabaco e pinicava. Morar juntos tinha sido uma decisão precipitada — confusa, caótica, urgente e

tão bela e real quanto a vida quando não se está pensando em suas consequências. Nós nos tornamos uma tribo. Em seguida vieram as consequências. Conhecemos os parentes um do outro, nos casamos, começamos a preencher declarações conjuntas de imposto de renda, nos tornamos uma família.

INVENTÁRIO

Nos bancos da frente: ele e eu. No porta-luvas: comprovante do seguro, documento do carro, manual do proprietário do veículo e mapas de estradas. No banco de trás: as duas crianças, suas mochilas, uma caixa de lenços de papel e um cooler azul com garrafas de água e petiscos perecíveis. E no porta-malas: uma pequena bolsa de viagem com meu gravador de voz digital Sony PCM-D50, fones de ouvido, cabos e baterias extras; uma grande bolsa organizadora Porta Brace para a vara dobrável do microfone boom do meu marido, microfone, fones de ouvido, cabos, protetores de vento zeppelin e gato morto, e o dispositivo de som 702T. Também: quatro malas pequenas com nossas roupas e sete caixas de arquivo (38 × 30 × 25 cm) com fundo duplo e tampas sólidas.

COVALÊNCIA

Apesar de nossos esforços para manter tudo de pé, sempre houve uma ansiedade em torno do lugar de cada um na família. Somos como aquelas moléculas problemáticas sobre as quais se aprende nas aulas de química, com ligações covalentes em vez de iônicas — ou talvez seja o contrário. O menino perdeu a mãe biológica no parto, embora esse tópico nunca seja mencionado. Meu marido me comunicou o fato, em uma frase, no início do nosso relacionamento, e imediatamente entendi que não era um tema aberto a mais perguntas. Eu também não gosto de ser indagada sobre o pai biológico da menina, então nós dois sempre mantivemos um respeitoso pacto de silêncio sobre esses elementos do nosso passado e dos nossos filhos.

Talvez em resposta a tudo isso, as crianças sempre quiseram ouvir histórias sobre si mesmas em nosso contexto. Eles querem saber tudo sobre quando os dois se tornaram nossos filhos, e quando nós todos nos tornamos uma família. São como antropólogos estudando narrativas cosmogônicas, mas com um toque mais narcisista. A menina pede para ouvir as mesmas histórias de novo e de novo. O menino pergunta sobre momentos da infância dos dois juntos, como se tivessem acontecido décadas ou mesmo séculos atrás. Então nós contamos a eles. Contamos a eles todas as histórias de que somos capazes de nos lembrar. Sempre, se pulamos uma parte, confundimos um detalhe, ou se eles percebem alguma mínima variação da versão de que se recordam, eles nos interrompem, nos corrigem, e exigem que a história seja recontada, dessa vez de forma adequada. Então, rebobinamos a fita em nossa mente e a reproduzimos de novo desde o início.

MITOS DE FUNDAÇÃO

Em nosso começo era um apartamento quase vazio e uma onda de calor. Na primeira noite naquele apartamento — o mesmo que acabamos de deixar para trás —, nós quatro, vestindo roupa de baixo, nos sentamos no chão da sala de estar, suados e exaustos, equilibrando fatias de pizza na palma das mãos.

Tínhamos terminado de desempacotar alguns de nossos pertences e algumas coisas extras que compramos naquele dia: um saca-rolhas, quatro travesseiros novos, limpavidros, detergente para lavar louça, dois porta-retratos pequenos, pregos, martelo. Em seguida, medimos a altura das crianças e fizemos as primeiras marcas na parede do corredor: 0,84 metro e 1,07 metro. Depois, martelamos dois pregos na parede da cozinha para pendurar dois cartões-postais que antes estavam pendurados em nossos antigos e respectivos apartamentos: um era um retrato de Malcolm X, tirado pouco antes de seu assassinato, em que ele está com a cabeça apoiada sobre a mão direita e olha atentamente para alguém ou alguma coisa; o outro era de Emiliano Zapata, de pé, muito ereto, segurando um rifle em uma das mãos e um sabre na outra, com uma faixa em volta do ombro, o cinturão duplo de cartuchos

atravessado no peito. O vidro que protegia o postal de Zapata ainda estava coberto por uma camada de sujeira — ou é fuligem? — da minha antiga cozinha. Penduramos os dois ao lado da geladeira. Mas mesmo depois disso, o novo apartamento ainda parecia vazio demais, paredes brancas demais, ainda parecia estranho.

O menino olhou ao redor da sala, mastigando pizza, e perguntou:
E agora?

E a menina, que então tinha dois anos, ecoou:
Sim, e agora?

Nenhum de nós encontrou uma resposta para dar a eles, embora eu ache que tenhamos procurado com afinco, talvez porque essa fosse a pergunta da qual ambos também vínhamos nos desviando silenciosamente em meio à sala vazia.

E agora? perguntou de novo o menino.
Finalmente, respondi:

Agora vocês vão escovar os dentes.

Mas ainda não tiramos da mala nossas escovas de dente, disse o menino.

Então vão enxaguar a boca na pia do banheiro e dormir, respondeu meu marido.

Eles voltaram do banheiro dizendo que estavam com medo de dormir sozinhos no quarto novo. Concordamos em deixá-los ficar conosco na sala de estar por algum tempo, se prometessem que iam dormir. Eles rastejaram para dentro de uma caixa vazia, e depois de se engalfinharam como filhotinhos por uma divisão mais justa do espaço de papelão, caíram em um sono profundo e pesado.

Meu marido e eu abrimos uma garrafa de vinho e, junto à janela, fumamos um baseado. Depois nos sentamos no chão, fazendo nada, dizendo nada, apenas observando as crianças que dormiam em sua caixa de papelão. De onde estávamos sentados, podíamos ver apenas um emaranhado de cabeças e bundas: o cabelo dele encharcado de suor, os cachos dela um ninho; ele, a bunda achatada feito uma aspirina, e ela, nádegas redondas feito maçãs. Pareciam um desses casais que ficaram juntos tempo demais, chegaram à meia-idade rápido demais, cansaram-se um do outro mas ainda se sentem confortáveis o suficiente. Eles dormiram em camaradagem total e solitária. E, vez

por outra, interrompendo nosso talvez ligeiramente chapado silêncio, o menino roncava como um bêbado, e o corpo da menina soltava longos e sonoros peidos.

Eles tinham dado um concerto semelhante horas antes naquele mesmo dia, enquanto percorríamos de metrô o trajeto de volta do supermercado para o nosso novo apartamento, rodeados por sacolas plásticas brancas abarrotadas de ovos enormes, presunto muito rosado, amêndoas orgânicas, pão de milho e pequenas caixas de leite integral orgânico — os produtos enriquecidos e melhorados da nova e incrementada dieta de uma família com dois salários. Dois ou três minutos de metrô e as crianças pegaram no sono, cabeças pousadas em cada um de nossos colos, cabelo emaranhado e úmido, o agradável cheiro salgado como os gigantescos pretzels mornos que tínhamos comido mais cedo naquele dia em uma esquina. Eles eram angelicais, e nós éramos suficientemente jovens, e juntos éramos uma linda tribo, um bando invejável. Então, de repente, um começou a roncar e a outra começou a peidar. Os poucos passageiros que não estavam conectados a seus telefones perceberam, olharam para ela, para nós, para ele, e sorriram — difícil saber se por compaixão ou cumplicidade com o descaramento de nossos filhos. Meu marido retribuiu o sorriso dos desconhecidos que sorriram. Por um segundo achei que deveria desviar a atenção das pessoas, afastá-la para longe de nós, talvez encarando com olhar acusador o velho que dormia a alguns assentos de distância, ou a jovem paramentada com traje completo de corrida. Não fiz isso, claro. Apenas balancei a cabeça em agradecimento, ou em resignação, e sorri de volta aos estranhos do metrô — um sorriso espremido, de boca fechada. Suponho ter sentido um tipo de medo do palco, que surge em certos sonhos quando percebemos que fomos à escola e nos esquecemos de vestir roupas íntimas; uma vulnerabilidade repentina e profunda diante de todas aquelas pessoas desconhecidas a quem era oferecido um vislumbre do nosso ainda novo mundo.

Mais tarde naquela noite, porém, de volta à intimidade do nosso novo apartamento, enquanto as crianças dormiam e faziam todos aqueles belos ruídos mais uma vez — a beleza real, sempre involuntária —, pude ouvi-los plenamente, sem o fardo do constrangimento. Os sons intestinais da menina eram amplificados contra a parede da

caixa de papelão e viajavam, diáfanos, através da sala de estar quase vazia. E pouco depois, de algum lugar nas profundezas de seu sono, o menino os ouviu — ou assim nos pareceu — e respondeu a eles com ruídos e resmungos. Meu marido observou o fato de que estávamos testemunhando uma das línguas da paisagem sonora da cidade, agora posta em uso no ato de conversa em última instância circular:

Uma boca respondendo a um cu.

Por um instante, sufoquei o desejo de rir, mas então percebi que meu marido estava prendendo a respiração e fechando os olhos para não rir. Talvez estivéssemos um pouco mais chapados do que pensávamos. Perdi o controle, minhas cordas vocais explodindo em um som mais porcino que humano. Ele prosseguiu, bufando e arfando sem parar, as asas das narinas vibrando, o rosto enrugando-se, os olhos quase desaparecendo, o corpo inteiro balançando para a frente e para trás como uma piñata ferida. A maioria das pessoas adquire uma aparência favorosa no meio de uma risada. Sempre temi aqueles que estalam os dentes e sempre considerei bastante preocupantes aqueles que riem sem emitir um único som. Na minha família paterna, temos um defeito genético, creio eu, que se manifesta em roncos e grunhidos bem no final do ciclo da risada — um som que, talvez por sua animalidade, desencadeia outro ciclo de gargalhadas. Até que todos fiquem com lágrimas nos olhos e subjugados por um sentimento de vergonha.

Respirei fundo e enxuguei uma lágrima da bochecha. Percebi então que era a primeira vez que meu marido e eu ouvíamos um ao outro rir. Com nossas gargalhadas mais profundas, quero dizer — uma risada desenfreada, desatada, uma risada inteira e ridícula. Talvez ninguém nos conheça de verdade enquanto não saiba como rimos. Meu marido e eu finalmente recuperamos a compostura.

É maldade rir à custa de nossos filhos adormecidos, não é? perguntei.

Sim, muito errado.

Decidimos que o que tínhamos que fazer, em vez disso, era documentá-los, então pegamos nosso equipamento de gravação. Meu marido perscrutou o espaço com o boom; aproximei do menino e da menina meu gravador de voz portátil. Ela chupava o polegar e ele

resmungava palavras e soltava estranhos ruídos do sono; lá fora, carros passavam na rua e eram captados pelo microfone direcional do meu marido. Em cumplicidade infantil, nós dois extraímos amostras dos sons deles. Não sei ao certo que motivos mais profundos nos levaram a gravar as crianças naquela noite. Talvez tenha sido apenas o calor do verão, mais o vinho, menos o baseado, multiplicado pela empolgação do gesto, dividido por toda a reciclagem de papelão que tínhamos pela frente. Ou talvez estivéssemos seguindo um impulso para permitir que o momento, que parecia o começo de algo, deixasse um vestígio. Afinal, tínhamos treinado a nossa mente para aproveitar oportunidades de gravação, treinado nossos ouvidos para escutar nossa vida diária como se eles fossem uma fita bruta. Tudo, nós e eles, aqui e ali, dentro e fora, era registrado, compilado e arquivado. Novas famílias, como jovens nações após violentas guerras de independência ou revoluções sociais, talvez precisem ancorar sua origem em um momento simbólico e fixar esse instante no tempo. Aquela noite foi nossa fundação, foi a noite em que o nosso caos se tornou um cosmos.

Depois, cansados e tendo perdido o ímpeto, carregamos as crianças nos braços para seu novo quarto, seus colchões não muito maiores do que a caixa de papelão onde estavam dormindo. Em seguida, no nosso quarto, deslizamos por sobre o nosso próprio colchão e enroscamos nossas pernas, sem dizer uma palavra, mas com os corpos dizendo algo como talvez mais tarde, talvez amanhã, amanhã vamos fazer amor, fazer planos, amanhã.

Boa noite.

Boa noite.

LÍNGUAS MATERNAIS

Logo que fui convidada para trabalhar no projeto de paisagem sonora, achei que parecia algo um tanto cafona, megalomaníaco, possivelmente didático demais. Eu era jovem, embora não muito mais jovem do que sou agora, e ainda me via como uma inveterada jornalista política. Também não gostei do fato de que o projeto, apesar de orquestrado pelo Centro para Ciência e Progresso Urbano da

Universidade de Nova York, e que acabaria incorporado ao arquivo de som da universidade, era em parte financiado por algumas grandes corporações multinacionais. Tentei empreender alguma pesquisa sobre seus CEOs — em busca de escândalos, fraudes, quaisquer alianças fascistas. Mas eu tinha uma menininha. Então, quando me disseram que o contrato incluía plano de saúde, e constatei que eu poderia viver com o salário sem ter que fazer uma miríade de trabalhos jornalísticos que costumava pegar para sobreviver, parei de pesquisar, parei de agir como se eu fosse privilegiada o suficiente para me preocupar com ética corporativa, e assinei o contrato. Não tenho certeza de quais foram as razões dele, mas, na mesma época, meu marido — que até então era apenas um desconhecido especializado em acustemologia, e não meu marido ou pai de nossos filhos — assinou o dele.

Nós dois nos entregamos completamente ao projeto da paisagem sonora. Todos os dias, enquanto as crianças estavam na creche e na escola, respectivamente, rodávamos a cidade sem saber o que aconteceria, mas sempre com a convicção de que encontrariámos algo novo. Entramos e saímos dos cinco distritos, entrevistando desconhecidos, pedindo-lhes que falassem em e sobre sua língua nativa. Ele gostava dos dias que passávamos em espaços de transição, como estações de trem, aeroportos e pontos de ônibus. Eu gostava dos dias que passávamos nas escolas, coletando amostras de crianças. Ele passeava pelos refeitórios e lanchonetes lotados, com a bolsa de áudio Porta Brace pendurada em uma alça sobre o ombro direito, o microfone boom erguido em ângulo, registrando o aglomerado de vozes, talheres, passos. Em corredores e salas de aula, eu segurava meu gravador perto da boca de cada uma das crianças enquanto elas emitiam sons, respondendo às minhas deixas e sugestões. Pedia que se lembressem de músicas e ditos que tinham ouvido em casa. Os sotaques eram quase sempre anglicizados, domesticados, o idioma de seus pais agora estrangeiro para elas. Lembro-me de suas línguas reais, físicas — cor-de-rosa, determinadas, disciplinadas —, tentando enrolar-se nos sons de seus idiomas maternos cada vez mais e mais distantes: a difícil posição da ponta da língua no erre hispânico, as rápidas batidas de língua contra o palato em todas as palavras polissílabas do quíchua e do garífuna, o leito macio e curvado para baixo da língua no h aspirado do árabe.

Os meses se passaram e gravamos vozes, coletamos sotaques. Acumulamos horas de gravação de pessoas falando, contando histórias, fazendo pausas, contando mentiras, orando, hesitando, confessando, respirando.

TEMPO

Também acumulamos coisas: plantas, pratos, livros, cadeiras. Pegamos objetos deixados junto ao meio-fio das calçadas dos bairros abastados. Com frequência, mais tarde percebíamos que não precisávamos de outra cadeira, de mais uma estante de livros, e então colocávamos as coisas de volta na calçada de nossa vizinhança menos próspera, sentindo que éramos participantes da invisível mão esquerda da redistribuição de riqueza — os anti-Adam Smiths das calçadas e dos meios-fios. Por algum tempo, continuamos a pegar objetos das ruas, até que um dia ouvimos no rádio que havia uma epidemia de percevejos na cidade, então paramos de recolher, cessamos a redistribuição da riqueza, e o inverno chegou, e depois veio a primavera.

Nunca fica claro o que transforma um espaço em um lar, e um projeto de vida em uma vida. Um dia, nossos livros já não cabiam mais nas estantes, e a grande sala vazia tinha se tornado nossa sala de estar. Tornara-se o lugar onde assistíamos a filmes, líamos livros, montávamos quebra-cabeças, tirávamos soneca, ajudávamos as crianças com o dever de casa. Em seguida, o lugar onde recebíamos amigos, tínhamos longas conversas assim que eles iam embora, trepávamos, dizíamos coisas bonitas e horríveis um para o outro, e que depois limpávamos em silêncio.

Quem sabe como, e quem sabe para onde o tempo foi, mas um dia o menino fez oito anos, depois nove, e a menina, cinco. Eles começaram a frequentar a mesma escola pública. Todos os pequenos estranhos que haviam conhecido, agora chamavam de amigos. Havia times de futebol, equipes de ginástica, apresentações de fim de ano, festas do pijama, sempre festas de aniversário demais, e as marcas que tínhamos feito na parede do corredor do nosso apartamento para registrar a altura de nossos filhos subitamente se resumiam a uma

história vertical. Eles haviam ficado muito mais altos. Meu marido achava que tinham crescido rápido demais. De forma anormalmente rápida, disse ele, por causa daquele leite orgânico integral que consumiam naquelas caixinhas; achava que o leite era quimicamente alterado para produzir altura prematura em crianças. Talvez, pensei. Mas também era possível que fosse apenas o fato de que o tempo tinha passado.

DENTES

Falta muito ainda?

Mais quanto tempo?

Suponho que seja igual com todas as crianças: se estiverem acordadas em um carro, elas pedem atenção, pedem para parar e ir ao banheiro, pedem petiscos. Mas, principalmente, elas perguntam:

Quando a gente vai chegar lá?

Geralmente dizemos ao menino e à menina que falta só um pouco, estamos quase lá. Ou então dizemos:

Brinquem com seus brinquedos.

Contem todos os carros brancos que passarem.

Tentem dormir.

Agora, quando paramos em uma cabine de pedágio perto da Filadélfia, ambos acordam de repente, como se o sono estivesse sincronizado — tanto entre os dois quanto, de modo mais inexplicável, com as variadas acelerações do carro. Do banco de trás, a menina quer saber:

Quantos quarteirões faltam?

Só mais um pouquinho até fazermos uma parada em Baltimore, digo.

Mas quantos quarteirões faltam pra gente chegar ao fim do caminho todo?

O fim do caminho todo é o Arizona. O plano é ir de carro de Nova York até o canto sudeste do estado. À medida que avançamos, dirigindo na direção sudoeste rumo às regiões fronteiriças, meu marido e eu trabalharemos em nossos novos projetos sonoros, realizando gra-

vações e pesquisas de campo. Eu me concentrarei em entrevistas com pessoas, em captar fragmentos de conversas entre desconhecidos, em gravar o som de notícias no rádio ou vozes em restaurantes baratos. Quando chegarmos ao Arizona, gravarei minhas últimas amostras e começarei a editar tudo. Tenho quatro semanas para concluir o trabalho. Em seguida, provavelmente terei que voar de volta para Nova York com a menina, mas ainda não tenho certeza. Também não sei qual é exatamente o plano do meu marido. Estudo o rosto dele de perfil. Ele está concentrado na estrada à frente. Registrará amostras de coisas como o som do vento soprando através das planícies ou estacionamentos; passos sobre cascalho, cimento ou areia; talvez moedas de um centavo caindo em caixas registradoras, dentes triturando amendoins, a mão de uma criança apalpando um bolso de jaqueta lotado de pedrinhas. Não sei quanto tempo seu novo projeto sonoro vai consumir, ou o que acontecerá em seguida. A menina quebra o nosso silêncio, insistindo:

Eu fiz uma pergunta, Mamã, Papá: quantos quarteirões faltam pra gente chegar ao fim do caminho todo?

Temos que nos lembrar de ser pacientes. Sabemos — creio que até o menino saiba — o quanto deve ser confuso viver no mundo atemporal de uma criança de cinco anos: um mundo não desprovido de tempo, mas com um excedente dele. Meu marido finalmente dá à menina uma resposta que parece satisfazê-la:

Vamos chegar lá quando você perder o segundo dente de baixo.

LÍNGUAS PRESAS

Quando a menina tinha quatro anos e começou a frequentar a escola pública, ela perdeu prematuramente um dente. Logo depois, começou a gaguejar. Nunca soubemos se os eventos tinham, de fato, uma relação de causa e efeito: escola, dente, gagueira. Contudo, pelo menos em nossa narrativa familiar, as três coisas foram amarradas em um nó confuso e emocionalmente carregado.

Certa manhã, em nosso último inverno em Nova York, tive uma conversa com a mãe de um dos coleguinhas de turma da minha filha.